

A interação sócio espacial das praças do núcleo fundacional de Lages/SC

La interacción socioespacial de las plazas del núcleo fundacional de Lages/SC

Gessica Coelho Silva

Mestranda em Arquitetura e Urbanismo, UFSC, Brasil
ge.coelho31@gmail.com

Andréa Holz Pfüzenreuter

Professora Doutora, UFSC, Brasil
andrea.hp@ufsc.br

RESUMO

O artigo apresenta a análise das Praças João Ribeiro, Praça João Costa e Praça Vidal Ramos Sênior, da cidade de Lages/SC, com o objetivo de contribuir para o estudo morfológico da relação da morfologia espacial e a apropriação do espaço público. A metodologia aplicada foi fundamentada em Clark e Pause (1996) para a análise da morfologia espacial do espaço e, de Tenório (2012) para a compreensão da produção de vida pública e apropriação do espaço. Os resultados expressam a relação espacial à utilização e apropriação dos espaços, promovendo relações socioespaciais com o local e interpessoal. As principais implicações teóricas e metodológicas se desenvolvem na relação como os atributos formais do espaço têm e/ou interferem na forma como os usuários desfrutam do local e produzem vida pública.

PALAVRAS-CHAVE: Morfologia Espacial. Apropriação do espaço. Espaço público.

RESUMEN

El artículo presenta un análisis de las Praças João Ribeiro, Praça João Costa y Praça Vidal Ramos Sênior, en la ciudad de Lages/SC, con el objetivo de contribuir al estudio morfológico de la relación entre la morfología espacial y la apropiación del espacio público. La metodología aplicada se basó en Clark y Pause (1996) para el análisis de la morfología espacial del espacio, y en Tenório (2012) para la comprensión de la producción de vida pública y apropiación del espacio. Los resultados expresan la relación espacial con el uso y apropiación de los espacios, promoviendo relaciones socioespaciales con lo local e interpersonal. Las principales implicaciones teóricas y metodológicas se desarrollan en la relación de cómo los atributos formales del espacio tienen y/o interfieren en la forma en que los usuarios disfrutan del lugar y producen vida pública.

PALABRAS-CLAVE: Morfología espacial. Apropiación del espacio. Lugar público.

1 INTRODUÇÃO

A cidade de Lages/SC conta com um núcleo fundacional que se originou a partir de três praças: da Igreja Matriz, a Praça Municipal e a Praça do Mercado. Esses espaços se mantêm como ponto central, sendo os principais espaços públicos da cidade. Apresenta-se na figura 01, a localização e relação com o entorno das três Praças, conectadas pela rua Presidente Nereu Ramos (em tracejado).

As intervenções urbanísticas alteraram significativamente a configuração espacial das praças e interferiram nos atributos locais para a preservação e utilização desses espaços públicos, ao analisar as transformações destes espaços e como sua forma física interferem em seus atributos sociológicos, compreende-se a apropriação destes lugares pela população.

Figura 1 - Localização e entorno das três praças/objetos de estudo. (A) Vidal Ramos Sênior, (B) Praça João Costa e (C) João Ribeiro.



Fonte: A Autora, 2023.

A praça (A) está no nível mais abaixo da topografia, nas proximidades com o rio Carahá, a estrutura da praça abriga atualmente o terminal urbano da cidade, sendo a maior em área quadrada, predominantemente retangular, estando rodeada por quatro ruas, possuindo em uma de suas esquinas uma edificação tombada defronte à praça.

A praça (B) é o espaço central do núcleo fundador, encontra-se entre as principais quadras do marco histórico da cidade, com os limites laterais duas ruas, sendo o espaço público que mais sofreu modificações ao longo dos anos. A paisagem é predominante de edificações de caráter heterogêneo de gabarito variado.

O espaço (C) ocupa um lugar mais ao alto do relevo do terreno, sendo conformado por quatro ruas, destacando-se na paisagem pela relevância histórica e pela edificação da catedral diocesana de Lages/SC e com vistas para um conjunto de edificações históricas.

A confluência entre os três espaços com atividades e propostas diferentes, fortalece o início da ramificação do traçado urbano, e integram-se no dia-a-dia de moradores, comerciantes e turistas que perpassam e descansam nos locais. O espaço físico interfere na forma como a população se comporta e produz vida pública nesses espaços.

Este artigo pretende ser um ensaio crítico da análise formal e perceptiva, estimulando futuras pesquisas no campo da espacialização da história de Lages/SC. Para o reconhecimento dos objetos de estudo foi aplicado a metodologia de observação e fotografia, de forma a estabelecer permanência e convivência no local, em diferentes horários do dia e em diferentes dias da semana, para entender a estrutura e formação do lugar pela composição formal e a apropriação desses espaços.

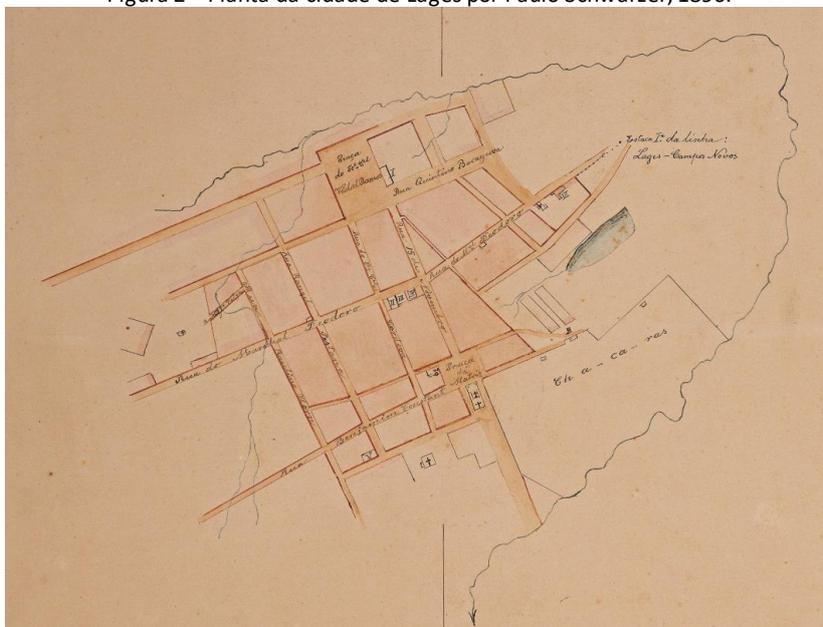
2 REFERENCIAL HISTÓRICO

A cidade de Lages foi fundada no século XVIII, precisamente em 1766, servindo de amparo para os portugueses, como defesa contra os espanhóis que cobiçavam as terras, ao mesmo tempo que fornecia abrigo aos tropeiros e viajantes que cruzavam o Planalto Serrano transportando gado de corte e de muares (mula, utilizada em larga escala como meio de transporte). Em maio de 1771, quase 5 anos após sua fundação o povoado foi elevado à categoria de vila. (PEIXER, 2002, p. 41).

A forma urbana da vila, inicialmente conhecida como “Nossa Senhora dos Prazeres do Sertão das Lajens”, estava pré-estabelecida através de um plano urbano fundacional, o qual tinha em seu núcleo central três praças, sendo a Praça da igreja mais ao alto, com enfoque para o espaço religioso, seguido pelo espaço político conhecida inicialmente como a Praça Quadrada ou Praça Municipal atual Praça João Costa, denominada por Licurgo Costa (1982), em sua coletânea “O Continente das Lagens”, como “uma espécie de fórum da cidade”, e por fim, a Praça do Mercado denominada hoje como Vidal Ramos Sênior ou ainda como é popularmente chamada “praça do terminal” bem a baixo próxima ao rio, sendo considerado esse centro na junção uma rua central primeiramente denominada de Rua da Direita atual Rua Presidente Nereu Ramos.

Na figura 2, o mapa de 1896¹ delimita o perímetro urbano da cidade, em seu traçado se percebe que as três praças promovem a distribuição das ruas. Com uma configuração consolidada, por algumas quadras e ruas, a população não tinha mais do que mil habitantes (SANTOS, 2015).

Figura 2 – Planta da cidade de Lages por Paulo Schwarzer, 1896.

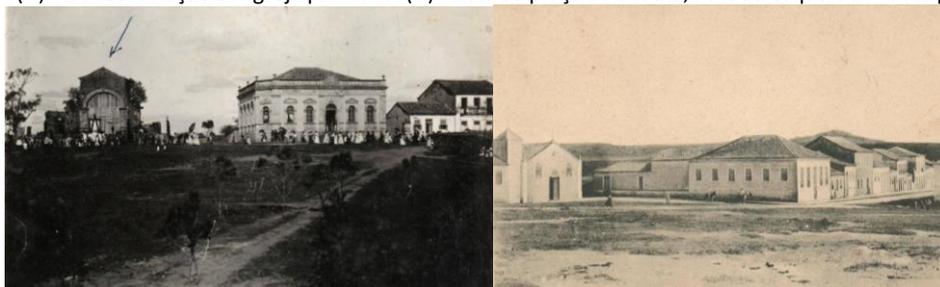


Fonte: Arquivo Nacional/Seção de Mapas, Rio de Janeiro apud SANTOS (2015 p. 143).

¹ Em 1820 Lages foi elevada à Categoria de Cidade, e em 1860 passou a pertencer à Capitania de Santa Catarina.

Segundo Peluso Júnior (1991) a praça da matriz foi o primeiro espaço público a ser criado em Lages e denominava-se largo da matriz, teve como data de fundação a mesma da cidade. Atualmente denominada como Praça João Ribeiro homenageando o Coronel João Ribeiro (1819 – 1894). Na figura 3(A) a esquerda está a primeira igreja, a qual sua construção nunca chegou a ser concluída. Na figura 3(B) está a estrutura modesta, a esquerda, com cobertura em duas águas e uma pequena torre sineira. Este é o único registro da matriz provisória, construída após a demolição das ruínas da igreja matriz figura 3(A). Nota-se a delimitação da praça não existia tão pouco a presença de vegetação, apenas alguns caminhos originados pela passagem diária das pessoas que moravam no largo da igreja.

Figura 3 – (A) Vista construção da igreja primitiva. (B) Vista da praça da matriz, ao lado esquerdo matriz provisória.



Fonte: (A) e (B) Museu Histórico Thiago de Castro.

No início do século XX determinou-se a criação de um jardim público e um passeio para pedestres e sarjetas. Os marcos significativos das mudanças na configuração dos espaços, a construção do palácio municipal em 1901. Uma afirmação simbólica do poder público representada nas fachadas da construção, uma reestruturação do espaço acontece no momento em que o poder político sai da praça municipal – Atual praça João Costa - onde se localizava a casa de câmara e cadeia e se realoca ao lado do poder religioso, reafirmando o projeto de modernização da cidade (PEIXER, 2002).

Com a construção da nova Catedral Diocesana em 1922, figura 4 (A), as configurações do espaço do largo da matriz dividido com o poder político continuam os mesmos, mas com a expressão da edificação marcante no local e pela arborização. Entre as décadas de 1940 a 1970 a praça foi palco de homenagens, recebendo bustos de César Sartori, D. Daniel Hostin - primeiro Bispo Diocesano, Manoel Thiago de Castro, Getúlio Vargas e Walmor Ribeiro.

Figura 4 – (A) Praça João Ribeiro após a construção da catedral. (B) Coreto.



Fonte: (A) e (B) Museu Histórico Thiago de Castro, s.d.

A metade do século XX marcou a forma de apropriação do espaço da praça, afirmando-se como local de lazer e encontros. Na sua configuração espacial, alocado na sua face sul, esquina superior da praça espaço recebe um coreto figura 4 (B), onde artistas se apresentavam

em dia de missa. A partir dessas atividades, bancos foram instalados no local, possibilitando sobretudo a permanência da população no espaço (MIRANDA, 2001).

A praça João Costa, foi conhecida como Praça da Câmara e Cadeia, posteriormente, Pracinha do Cravo Preto, Praça João Pessoa e finalmente Calçadão João Costa. O último nome homenageia João José Teodoro da Costa 1849 – 1931, que construiu o teatro São João que sediava a praça, financiou o primeiro jornal impresso da cidade e passou por diversos cargos políticos na cidade e também no estado.

Figura 6 – (A) Casa de câmara e cadeia, 1900. (B) Lado esquerdo frontal da Loja Maçônica, 1920. (C) Teatro São João, 1928.



Fonte: (A), (B) e (C) Museu Histórico Thiago de Castro.

A configuração espacial da praça com dois eixos principais de arruamento que configurariam o restante da expansão do espaço urbano com o equipamento principal a Casa de Câmara e Cadeira e conseqüentemente a função política como referência principal, constituiu-se como um espaço de sociabilidades e circulação de pessoas (MIRANDA, 2001).

Segundo Santos (2015) a primeira intervenção que alterou significativamente a configuração espacial da Praça João Costa partiu de um ato impositivo do poder executivo local na década de 1930, com a demolição do casario colonial que abrigava a loja maçônica e o teatro municipal para construção no local da Escola Normal, posteriormente chamada de Colégio Aristiliano Ramos, figura 7. Essa ação faz parte do contexto de alteração no perfil urbano da cidade, que ocorreu entre as décadas de 1930 a 1960, decorrente do ciclo econômico madeireiro (ISHIDA, et al. 2013, p.31).

Figura 7 – (A) e (B) Edifício que abrigava a escola Normal na praça João Costa.



Fonte: (A) e (B) Museu Histórico Thiago de Castro s.d.

Em 1976, no governo de Juez Furtado e do seu sucessor, o arquiteto Dirceu Carneiro, o trecho de via que ligava as ruas Marechal Deodoro e a Rua Correa Pito que atravessava a Praça João Costa na extremidade leste da praça, foi fechado para a passagem de carros iniciando o primeiro “Calçadão” peatonal da cidade, figura 8. Aos poucos a praça foi ganhando maior arborização, sendo ocupada por comércio de ambulantes, perdendo seu rigor de uso e diversificando os sujeitos copresentes. Além dos transeuntes, os espaços de permanência à

sombra das árvores (bancos e mesas que incluíam tabuleiro para xadrez) eram utilizados por grupos de homens idosos e pelos alunos do Colégio Aristiliano Ramos (que contava com ensino fundamental e médio durante o dia e ensino superior no período noturno).

A Praça João Costa até os dias de hoje é o local de preferência para manifestações políticas, artísticas, ações de assistência social e onde acontece a festividade anual marco da cidade o “Recanto do pinhão”, evento popular do cronograma da Festa Nacional do Pinhão, que está em sua trigésima terceira edição.

Figura 8 – (A) Vista aérea praça João Costa. (B) Praça João Costa, década de 1970. (C) Praça João Costa, 1976.



Fonte: (A), (B) e (C) Museu Histórico Thiago de Castro.

Em 2017 a praça João Costa recebe a revitalização a qual incluiu a praça da matriz, a praça João Costa e as ruas Presidente Nereu Ramos, e Coronel Córdova. A praça João Costa sofreu a mais drástica das mudanças feitas pela revitalização, figura 9 (B), retirando a arborização e do piso (petit pave ou pedra portuguesa), demolição da edificação art déco que abrigava o colégio Aristiliano Ramos, e a construção de uma edificação em um dos principais eixos visuais da praça.

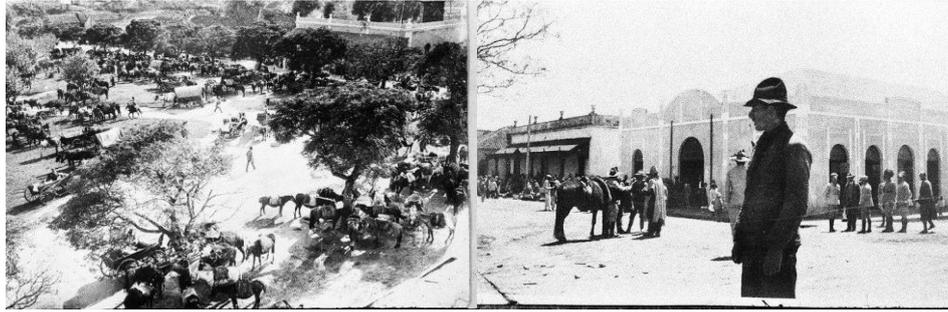
Figura 9 – (A) Praça João Costa anterior à revitalização. (B) Praça João Costa após a revitalização de 2020.



Fonte: (A) e (B) Prefeitura Municipal de Lages.

A praça do mercado conhecida como praça Vidal Ramos Sênior, “decorreu da construção do primeiro mercado público da cidade em 1879” (PELUSO JÚNIOR, 1991, P. 67). A figura 10, na foto (A) o movimento da feira e de cavalos utilizados como transporte na época, (B) a primeira estrutura se localiza mais ao fundo, a segunda edificação situada ao lado, foi construída para atender a quantidade crescente de comerciantes.

Figura 10 - (A) Vista aérea praça Vidal Ramos Sênior. (B) Estrutura do segundo mercado público da década de 1940.



Fonte: (A) e (B) Museu Histórico Thiago de Castro.

Em contraposição com a praça João Costa a qual era um espaço de reunião e de negócios dos fazendeiros, a praça do mercado era um espaço popular, onde se vendiam produtos vindos do interior do município (PEIXER, 2002). Em meados do século XX, o espaço passa a ter um aspecto de jardim francês, figura 11. “Tinha um lindo chafariz no centro e ornamentada com muitos arbustos, árvores, flores, principalmente jasmims, que exalavam um maravilhoso perfume” (ARALDI, 2007 p. 89).

Figura 11 – (A) Vista aérea praça Vidal Ramos Sênior. (B) Estrutura do terminal urbano, década de 1970.



Fonte: (A) e (B) Museu Histórico Thiago de Castro.

Em seguida na década de 70 a 80 a praça passa por novas melhorias e modificações na constituição espacial recebendo em parte do seu espaço o terminal urbano da cidade. Em 2005, houve a implantação do monumento à memória da praça do mercado e um novo paisagismo. O terminal urbano ocupou grande parte da praça modificando sua configuração espacial, sobretudo com lojas de camelô e lanchonetes. O espaço perdura sendo utilizado por taxistas do ponto próximo à praça e os pedestres que utilizam a linha de transporte coletivo.

Com a breve linha do tempo histórica dos espaços destas praças fundacionais, percebe-se as ampliações e as alterações das condições urbanas, acompanhando a evolução e crescimento de construções e apropriações dos espaços.

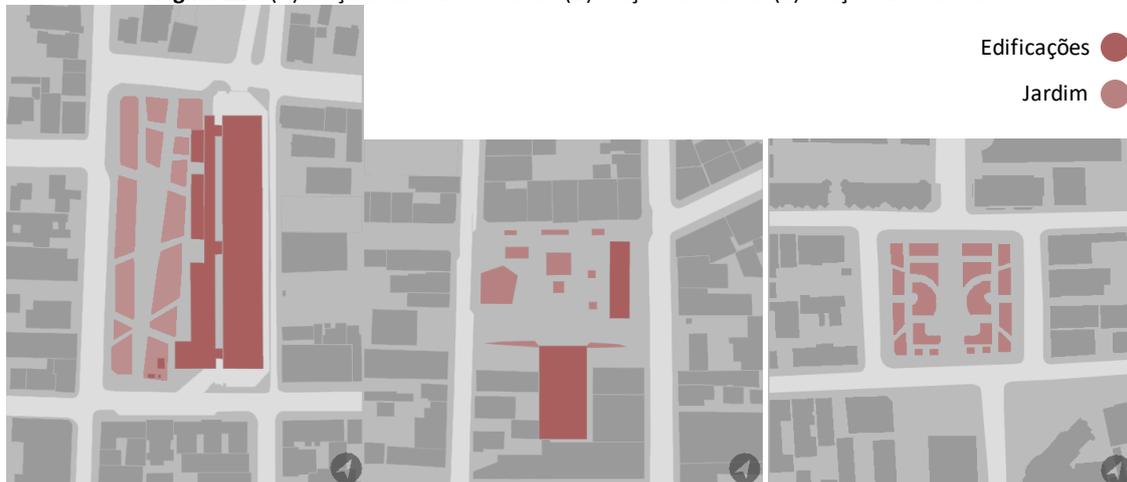
3 COMPOSIÇÃO FORMAL DO ESPAÇO

A análise das praças que compõem a história de Lages/SC acontece pela configuração formal dos três espaços pela teoria aplicada por **Clark e Pause** (1996) que abordam os elementos e composição pelo conjunto de categorias, identificando seus arquétipos com definições de conceitos quanto a massa, simetria e equilíbrio, geometria, circulação.

3.1 Massa

A análise dos elementos tridimensionais no espaço identifica os caminhos e acessos, massa, barreiras físicas e visuais que o compõem.

Figura 12 – (A) Praça Vidal Ramos Sênior. (B) Praça João Costa. (C) Praça João Ribeiro.



Fonte: A Autora, 2022.

Na figura 12, o conjunto formal da praça Vidal Ramos Sênior está contemplado por estruturas bidimensionais e tridimensionais, o que proporciona ao usuário a compreensão da delimitação dos seus espaços e seus acessos. A barreira visual é acometida pela edificação e estrutura do terminal urbano de ônibus, os jardins se mostram como barreira física.

No caso da Praça João Costa, os objetos tridimensionais causando barreira visual são os canteiros de ajardinamento com vegetação densa, não sendo permitido o avanço da circulação pelos mesmos e, duas edificações. Como o conjunto de estruturas que compõem o espaço não seguem um padrão e se dispõem de forma individual os acessos e a circulação no local acontecem de forma desordenada.

Na Praça João Ribeiro observa-se que a demarcação das massas acontece, de forma a destacar os canteiros dos jardins. O espaço não desfruta de nenhuma construção tridimensional, tendo como opção o avanço e a livre circulação sobre os canteiros, não os tornando barreiras físicas. A demarcação e identificação de seus acessos e caminhos do local é evidente.

3.2 Simetria e Equilíbrio

Clark e Pause (1996) discorrem que simetria é uma forma específica do equilíbrio, então, entende-se que se não obtivermos simetria não conquistamos o equilíbrio da forma.

Figura 13 – (A) Estudo da simetria e equilíbrio na Praça Vidal Ramos Sênior. (B) Estudo da simetria e equilíbrio na Praça João Costa. (C) Estudo da simetria e equilíbrio na Praça João Ribeiro.



Fonte: A Autora, 2022.

A análise da simetria (figura 13) e equilíbrio na praça Vidal Ramos Sênior acontece somente no espaço de ajardinamento, assim, percebe-se, que existe um grande eixo de passagem que corta a praça de ponta a ponta e acontece de forma diagonal permitindo sobretudo a contemplação da paisagem local, e por consequência os eixos secundários destinados para circulação também se dispõem de forma diagonal com relação a locação da praça. Compreende-se a presença da simetria e equilíbrio no espaço uma vez que a partir do eixo central, ambos os espaços da praça se tornam iguais, contendo as mesmas formas e seguindo a linearidade.

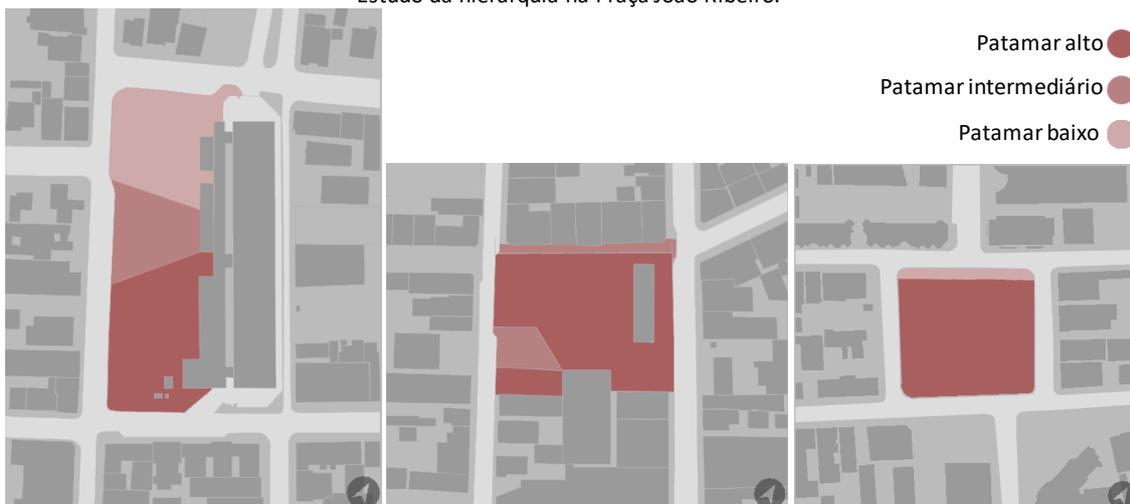
Na praça João Costa devido a forma como estão dispostos os volumes das edificações e canteiros dos jardins, acabam por não proporcionar simetria e equilíbrio formal no espaço, entretanto é crível o entendimento de que existe mais do que um eixo de visualização e circulação, possibilitando que os usuários desenvolvam novos trajetos e experiência de contemplação do local.

O caso da praça João Ribeiro está em completa concordância com os termos simetria e equilíbrio, após estabelecida uma linha dividindo o espaço igualmente em duas partes, percebe-se que a praça possui um eixo central proporcionando a visualização e contemplação de duas principais vistas a partir da praça, de um lado a edificação da Catedral principal edificação que circunda a praça e do outro a rua Presidente Nereu Ramos com o Morro do Posto como pano de fundo. Os canteiros dos jardins se dispõem de forma igualitária em ambos os lados, contendo os mesmos caminhos e acessos.

3.3 Hierarquia

Os autores trazem o termo hierarquia sendo um atributo que ordena por categoria, os níveis/platôs de cada praça.

Figura 14 – (A) Estudo da hierarquia na Praça Vidal Ramos Sênior. (B) Estudo da hierarquia na Praça João Costa. (C) Estudo da hierarquia na Praça João Ribeiro.



Fonte: A Autora, 2022.

Os níveis da praça Vidal Ramos Sênior acontecem em três platôs (figura 14), a disposição do desnível acontece seguindo a predisposição da forma dos caminhos estabelecidos. O acesso de um nível para o outro acontece demarcada no espaço, por escadas e rampas.

Os níveis da praça João Costa apresentam singularidades, tanto pelo desnível ao playground, quanto pela face que conecta a praça com o Calçadão Túlio Fiúza. A transferência de um nível para o outro acontece com a disposição de escadas e rampas no local.

A praça João Ribeiro está em um nível plano, com exceção da calçada na face norte a um nível abaixo. O acesso está demarcado por escadas.

3.4 Circulação (trajeto pedestres)

A circulação determina a relação das pessoas com o ambiente, indicando a condição de como a comunidade experimenta e estabelece conexões com o espaço

Figura 15 – (A) Estudo da circulação na Praça Vidal Ramos Sênior. (B) Estudo da circulação na Praça João Costa. (C) Estudo da circulação na Praça João Ribeiro.



Fonte: A Autora, 2022.

A maioria da população que percorre (figura 15) o espaço da praça Vidal Ramos Sênior utiliza os serviços do terminal urbano. A concentração do trajeto de pedestres é percebida somente em um dos lados do espaço, o qual interliga a saída do terminal ao comércio e serviços

do bairro centro. Outros percursos acontecem de forma tímida e não causam impacto no fluxo nas demais áreas da praça.

O trajeto peatonal feito pelos usuários na praça João Costa, acontece ao redor do centro da praça, permitindo a compreensão de que estes, sejam caminhos em que a população não esteja de fato contemplando o local e sim seguindo para outro destino.

Na praça João Ribeiro, a circulação das pessoas pelo espaço acontece na maioria das vezes de forma objetiva, onde os caminhos mais utilizados são aqueles que levam mais rapidamente e de forma contínua a outro ponto de destino. A figura a cima, representa os caminhos percorridos em duas extremidades da praça e também pelo seu principal eixo de contemplação, mesmo sendo um trajeto muito utilizado pelas pessoas com foco em “cortar caminho” esse percurso proporciona a apreciação do espaço.

4 APROPRIAÇÃO E UTILIZAÇÃO DO ESPAÇO

O estudo de apropriação do espaço fundamentado em Tenório (2012) entende a urbanidade e vida pública nos espaços, como um método para se conhecer, saber observar, avaliar e, conseqüentemente, manipular, os principais atributos de um espaço público incidentes no seu desempenho sociológico.

4.1 Número e variedade de pessoas

Tenório (2012) comenta que, para um espaço ser bem-sucedido à vida pública precisa dispor de pessoas, e sobretudo da variedade de pessoas e como ocupam o espaço (figura 16).

Figura 16 – (A) Praça Vidal Ramos Sênior. (B) Praça João Costa. (C) Praça João Ribeiro



Fonte: A Autora, 2022.

A análise do número e variedade de pessoas percorre as três praças citadas, de modo a perceber que todas possuem um nível considerável de sujeitos utilizando e percorrendo o espaço. Durante a observação para realização da análise percebeu-se que o turno e horário do dia interferem consideravelmente no aumento ou não da quantidade de pessoas. O período vespertino é o mais frequentado e com maior diversidade no local.

4.2 Passagem e permanência de pessoas

A passagem e a permanência de pessoas nos locais públicos são as principais atividades que demonstram que o espaço é bem-sucedido quanto à vida pública (TENÓRIO, 2012).

Figura 17 – (A) Praça Vidal Ramos Sênior. (B) Praça João Costa. (C) Praça João Ribeiro.



Fonte: A Autora, 2022.

Nesta análise (figura 17), a passagem de pessoas se mostrou predominante em todos os espaços, e em todas as horas do dia. A permanência nos mesmos, analisada pela quantidade e variedade de pessoas se dão majoritariamente no período vespertino. Entendendo que questões como fatores climáticos, dias da semana e horário de trabalho interferem nessa percepção. No período matutino a temperatura é mais baixa e sem a presença do calor do sol, enquanto no período vespertino o clima é agradável e convidativo à permanência no espaço.

4.3 Atividades no lugar

Quanto mais variadas e simultâneas forem as atividades no espaço, mais vigoroso se torna, entendendo o conceito como passivo e ativo, pessoas produzindo interações entre si ou apenas praticando a observação.

Figura 18 – (A) Praça Vidal Ramos Sênior. (B) Praça João Costa. (C) Praça João Ribeiro.



Fonte: A Autora, 2022.

Das atividades produzidas no espaço, principalmente na praça João Ribeiro e João Costa é a de fotografia, sendo elas da paisagem, edificações históricas, monumentos e selfies. Como a Praça João Ribeiro é de caráter mais contemplativo a atividade passiva se encontra bastante presente. Na praça João Costa as atividades ativas, de demonstrações de afeto, energia, caminhabilidade e produção de conteúdo são predominantes. Na praça Vidal Ramos Sênior as atividades de interação com o comércio dos camelôs e bancas é preponderante.

4.4 Significado e simbolização

Tenório (2012) discorre que o espaço deve conter elementos que expressem sua história, sua população e por si só deve representar o local da cidade o qual está inserido, tendo como pano de fundo, elementos que tornem esse espaço memorável.

Figura 19 – (A) Praça Vidal Ramos Sênior. (B) Praça João Costa. (C) Praça João Ribeiro.



Fonte: A Autora, 2022.

Com a contextualização histórica da cidade de Lages/SC, compreende-se a importância na formação do núcleo urbano, nos dias atuais (figura 19), as praças sofreram diversas remodelações espaciais e acompanharam a reconfiguração da paisagem que as rodeia.

A praça Vidal Ramos Sênior dispõe de um simbolismo conflitante, mostrando com sua estrutura de bancas e barraquinhas improvisadas, mesmo contribuindo com a economia local, que uma parcela da sociedade está desassistida e pouco valorizada. Além da falta de padronização de apresentação de equipamentos urbanos nas praças por parte da prefeitura.

O simbolismo da praça João Costa na atualidade está caracterizado no conceito do não lugar, seu espaço foi constantemente transformado e modificado, os principais elementos que compunham um significado e simbolismo para o espaço foram demolidos ou reconfigurados, ressaltado pela remodelação e desarranjando do espaço físico.

A praça João Ribeiro preserva em sua paisagem histórica o casario tombado do início do século XX, a igreja e a edificação da Prefeitura Municipal, dispendo em sua configuração espacial os bustos de personagens importantes para a história da cidade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo morfológico da relação da forma física e a apropriação do espaço público, a partir das análises metodológicas de Clark e Pause (1996) e Tenório (2012) os resultados mostraram que as três praças oferecem experiência aos seus usuários e diferentes meios de gerar vida pública. Cada praça tem suas singularidades e todas produzem sensações distintas mesmo se frequentadas no mesmo dia e horário. Essas vivências têm relação direta com a disposição formal que cada espaço, com elementos tridimensionais e bidimensionais, vegetação densa ou apenas espaços delimitados.

A relação espacial interfere na utilização e promoção das relações socioespaciais com o local. A Praça João Ribeiro não dispõe de barreiras visuais e físicas em seu espaço, fazendo com que seu espaço se torne mais contemplativo do que os demais.

Na praça João Costa os atributos formais estão dispostos de forma desordenada e não contemplam a simetria e equilíbrio, percebendo, que os usuários utilizam o trajeto peatonal nas bordas do local diferente das outras praças que acontece um percurso adentrando os espaços, fazendo com que a experiência dos usuários seja diferente em cada espaço que frequentar.

A relação de simbolismo que se apresenta nos espaços deriva de seu uso. A praça Vidal Ramos Sênior estando num local de passagem, possui simbolismo e usos diferente com relação as praças João Costa e João Ribeiro que possui simbolismo histórico e religioso.

A cerca da utilização do espaço, com permanência e variedade de pessoas, a praça Vidal Ramos Sênior tem seus espaços subutilizados devido a sua dimensão, com relação a outras duas, que possuem todas as suas extensões utilizadas e frequentadas uniformemente. A percepção do espaço para quem experiencia de dentro do local é de que esta praça sempre vai estar vazia e com poucas pessoas em relação as outras duas praças.

O modo como os espaços públicos se apresentam quanto a utilização e apropriação enquadram suas características, seus aspectos de configuração espacial e seu papel na cidade.

4 REFERÊNCIAS

ARALDI, José. **Família Araldi**. Publicação digital, 2007. Acesso em: 01 de jun. de 2022. Disponível em: <https://docplayer.com.br/66504158-Brasao-familiaaraldi-mantova.html>.

CLARK, R. e PAUSE, M. **Arquitetura: métodos de composição**. 2a edição. New York: John Wiley & Sons, 1996.

COSTA, Licurgo. **O Continente das Lagens: sua história e influência no sertão da terra firme**. 1. Ed. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, vol. 1. 1982.

ISHIDA, Américo. et al. **Memórias, ausências e presenças do art déco em Lages**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

MIRANDA, Silmara Luciane. **Lages 1940: discursos e remodelações urbanas**. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-graduação em História. UFSC, Florianópolis, 2001.

PEIXER, Zilma Isabel. **A cidade e seus tempos: o processo de constituição do espaço urbano em Lages**. 1. ed. Lages: Uniplac, 2002.

PELUSO JÚNIOR, Victor Antônio. **Estudos de Geografia Urbana de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC: Secretaria do Estado da Cultura e do Esporte, 1991.

TENÓRIO, Gabriela de Souza. **Ao desocupado em cima da ponte. Brasília, arquitetura e vida pública**. 2012. 391 f., il. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) — Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

SANTOS, Fabiano Teixeira dos. **A Casa do Planalto Catarinense: Arquitetura rural e urbana nos Campos de Lages, séculos XVIII e XIX**. Lages: Super Nova, 2015.